



XII Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: 10/07/2018

Aprovado em: 23/07/2018

Editor Respo.: Veleida Anahi - Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.10.10>

A PRESENÇA DE HOMENS TRANS NO ENSINO SUPERIOR: O QUE ELES NOS DIZEM

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

JOSEVAL DOS REIS MIRANDA, ADALBERTO MEDEIROS DA SILVA, KAREM MACIEL

Resumo: A experiência de vida de uma pessoa transexual mostra que, diferentemente do que a heteronormatividade reforça, a verdade dos gêneros não está presa ao binômio sexual (macho/fêmea) e se (re) constrói nas múltiplas possibilidades de gênero. Os homens trans, por exemplo, são pessoas que no sexo biológico feminino, mas que se reconhecem socialmente no gênero masculino. Este trabalho tem como objetivo compreender como são vivenciadas as questões das sexualidades e da identidade de gênero de homens trans no ambiente universitário da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) localizada na cidade de João Pessoa-PB. A metodologia foi de cunho qualitativo por meio da entrevista semiestruturada. Foram participantes da nossa pesquisa 02 homens trans que são estudantes da Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Nossos aportes teóricos constituíram-se de autores como: Bento (2006, 2008), Butler (1993), Miskolci (2015), Galli e Vieira (2015) e outros. Os resultados mostram que atitudes discriminatórias foram encontradas na Universidade, e que ainda são habitualmente comuns para com as pessoas transexuais. O preconceito e a discriminação são fatores geradores da evasão e do abandono acadêmico na visão dos homens trans; e que a luta continua a cada dia em prol da construção de uma sociedade mais respeitosa para todos e todas.

Palavras-chave: Transexualidade. Identidade de gênero. Ensino Superior.

Abstract: The experience of life of a transgender person shows us that differently from what the heterosexual norms reinforces, the truth about gender is not trapped to the sexual binomial (male/female) and that it rebuilds itself in several possibilities of gender. Transgender men, for example, are the ones who were born biologically in the female sex, but socially they recognize themselves in the male gender. This work aims at comprehending how questions of sexuality and gender identity are lived by transgender men in the university context of the *Universidade Federal da Paraíba* (UFPB), which is located in João Pessoa-PB. The methodology was based on the qualitative perspective and we used a semi structured interview to do so. In this research, we count on the collaboration of two transgender men who are students at the *Universidade Federal da Paraíba* (UFPB). Our theoretical framework is based on authors such as Bento (2006, 2008), Butler (1993), Miskolci (2015), Galli and Vieira (2015) and others. The results shows us that discriminatory attitudes were lived in University, and that they still happen commonly against transgender people. According to the transgender men who collaborated with this research, prejudice and discrimination are also reasons for avoidance and dropout; and the fight for a respectful society for everybody continues.

Key words: Transgender. Gender identity. Higher education.

Introdução

A contemporaneidade atinge, em muitos aspectos, o ápice das discussões em torno de questões sociais em comparação aos últimos anos. Seguindo por essa perspectiva, a identidade de gênero é um campo das Ciências Humanas em que os estudos estão ganhando cada vez mais espaço; contudo, ainda falta bastante para que este campo seja disseminado e acessível a todos os segmentos da sociedade por muitas questões que não serão abordadas aqui. Não obstante, quando se fala em identidade de gênero, muitas pessoas não compreendem, ainda, o significado do tema e acabam confundindo com orientação sexual.

A fim de realizarmos um estudo exploratório acerca desta temática, partimos do conceito teórico de transexualidade, definido por Bento (2008), vista não como uma enfermidade psíquica, mas como vivências identitárias de gênero, uma das muitas formas de viver o gênero fora dos binarismos rígidos. Entendendo por transexual quaisquer pessoas que buscam o reconhecimento social e legal para o gênero com o qual se identificam e se constroem como ser humano durante a vida e suas

experiências.

Este trabalho surge, então, com a inquietação acerca de tabus existentes em torno da temática que diz respeito à transexualidade e, nesse caso, mais especificamente, de homens trans. Para tanto, esse trabalho foi desenvolvido no âmbito do Ensino Superior, no campus I da Universidade Federal da Paraíba - UFPB localizado na cidade de João Pessoa-PB, e obtivemos como material para análise, as entrevistas que foram realizadas com dois homens trans que fazem parte da comunidade acadêmica dessa instituição de ensino superior.

Evidenciamos ainda intencionar e quebrar estigmas sociais que são direcionados não só às pessoas trans, mas de alguma forma a toda comunidade LGBT+. Sobre o quebrar tabu e mexer com os nossos olhares Bento (2008) explicita:

Os olhares acostumados ao mundo dividido em vagina-mulheres-feminino e pênis-homens- masculino ficam confusos, perdem-se diante de corpos que cruzam os limites fixos do masculino/feminino e ousam reivindicar uma identidade de gênero em oposição àquela informada pela genitálio e ao fazê-lo podem ser capturados pelas normas de gênero mediante a medicalização e a patologização da experiência (BENTO, 2008, p. 22).

Dessa maneira, fica inevitável citar que propomos ao realizar esse estudo dar voz as pessoas que fazem parte da comunidade trans e que, na maioria das vezes, acabam sendo marginalizadas e lesadas em seus direitos. Além do mais, há o interesse em saber como a UFPB se porta diante da temática e seus alunos transexuais.

Assim, a seguir apresentamos o nosso caminhar metodológico da pesquisa, em seguida tecemos algumas reflexões sobre a transexualidade e prosseguindo apresentamos os achados da pesquisa. Por fim, expomos as nossas considerações finais.

Metodologia: o caminhar da pesquisa

Este trabalho foi desenvolvido no decorrer de três etapas. A primeira correspondeu à pesquisa bibliográfica que foi realizada para compreendermos melhor as definições de identidade de gênero e até mesmo o conceito da transexualidade; descobrindo então que a transexualidade não é algo universal, ou seja, igual para todos. A segunda etapa foi à produção de um roteiro de entrevista durante as reuniões, no qual as perguntas objetivavam conhecer a vivência de homens trans no contexto universitário. A terceira etapa foi à análise das respostas que conseguimos por meio das entrevistas semiestruturadas que resultou neste trabalho.

Em todas as etapas, houve o objetivo de esclarecer tabus e quebrar estigmas acerca da transexualidade. Explorar o conhecimento acerca do tema pela visão desses homens trans e analisar interpretativamente o significado do conhecimento compartilhado por eles para, assim, desenvolvemos um trabalho sério.

A abordagem qualitativa foi à forma escolhida por investigar uma realidade que não pode ser quantificada. Esse tipo de análise trabalha com o universo de significados, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos aos quais não podem ser restringidos à operacionalização variáveis (MINAYO, 2001).

Em relação ao desenvolvimento da pesquisa, ela foi realizada por meio de trabalho de campo e o estudo bibliográfico. Neste sentido, Gil (2002, p. 129) relata que “não há como definir a priori as etapas a serem seguidas em todas as pesquisas dessa natureza. Isso porque, a especificidade de

cada estudo, acaba por ditar seus próprios levantamentos”.

Os indivíduos que participaram desta pesquisa foram pessoas que se dispuseram a corroborar com os resultados obtidos sendo eles: 02 (dois) homens trans que se disponibilizaram em participar da pesquisa. Esses interlocutores foram escolhidos por se fazerem presente no cotidiano da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Afinal, o que é a transexualidade- algumas reflexões

O tema ainda gera bastantes discussões. Faltam informações. Ou melhor, falta divulgar informações. Muitas são as pessoas, nas mais diversas situações, inclusive de escolaridade, que ainda continuam confusas quando o tema é a transexualidade. E pior, muitas pessoas trans são facilmente “manipuladas” a acreditar que sua identidade de gênero – enquanto transexual – tem a ver com a orientação sexual. Um exemplo é o de muitos homens trans serem levados a acreditar que são lésbicas; pois não compreendem, de fato, a si mesmos.

Identidade de gênero O que é Orientação sexual Como assim Mulher trans e lésbica Homem trans bissexual São muitas possibilidades. Para Soares (2002), “identidade remete, simultaneamente, a ser e a estar, ao ser presumido, mas permanente” e isso significa dizer que identidade é construção. Nas palavras de Corrêa e Muntarbhorn (2006) *apud* Prado e Torres (2014), precisamos estar em um movimento de compreender e entender ambas as categorias e suas características da seguinte maneira:

[...] compreendendo *orientação sexual* como estando referida à capacidade de cada pessoa de experimentar uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como de ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas; entendendo *identidade de gênero* como estando referida à experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode, ou não, corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo-se aí o sentimento pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive o modo de vestir-se, o modo de falar e maneirismos (CORRÊA; MUNTARBHORN, 2006, p. 9 *apud* PRADO; TORRES, 2014, p. 205).

A partir do que foi mencionado, percebemos tudo muito instável para a nossa cultura de binarismos, controle e repressão. Ao passo que consideramos o contexto social, não podemos deixar de considerar os discursos que o circundam. Quando o assunto é transexualidade, então, temos ainda o discurso higienista dos médicos. De acordo com o Código Internacional de Doenças (CID), por exemplo, a transexualidade, ainda com o sufixo *ismo*, é um transtorno mental. Contudo, a fundamentação para essa definição é vaga, pois faltam estudos científicos e sociais. Assim como para quando a homossexualidade era considerada doença. O medo do desconhecido fortalece o discurso que produz a pessoa trans como doente.

Quando falamos em transexualidade em uma perspectiva que envolve os estudos de gênero, temos consciência de que ela é uma identidade. Uma pessoa trans é aquela que não se reconhece no corpo biológico; e isso não se dá pela genitália, mas pelo papel social – e diria que convenções sociais para o que se diz ser homem e o que se diz ser mulher. De acordo com Bento (2008), o termo surge, originalmente, em 1949 como *transexualismo*; o que fortalecia o conceito de doença. Atualmente, a

expressão é conhecida por transexualidade e se aplica a homens e mulheres. O homem trans, por exemplo, é aquele que nasce com sexo biológico feminino, mas que não se sente como pertencente a ele. Assim, não vive a sua sexualidade de forma prazerosa, comunicativa e relacional consigo e com as outras pessoas.

Nesse sentido, é imperativo pensar a sexualidade como uma das dimensões fundamentais da condição humana, que se desenvolve e se apresenta sempre influenciada por sentimentos e valores. É um fenômeno multidimensional, não apenas psíquico, mas também biológico e sociocultural. Inerente à vida do ser humano, a sexualidade se manifesta desde o nascimento e se constrói ao longo de toda a existência, nas relações interpessoais, no momento sociocultural em que estamos vivendo. Isso implica em afirmar que a nossa sexualidade é construída socialmente, dando importância à educação voltada para princípios como respeito a si mesmo, ao outro, a diversidade sexual, ou seja, viver a sexualidade com clareza e consciência.

Sobre a transexualidade Bento (2008) pontua:

Afirmar que a transexualidade é uma experiência identitária, que está relacionada à capacidade dos sujeitos construírem novos sentidos para os masculinos e os femininos, não significa esquecer a dor e a angústia que marcam as subjetividades daqueles que sentem e desejam viver experiências que lhes são interditas por não terem comportamentos considerados apropriados para seus sexos. Narrativas das pessoas transexuais nos remetem para um mundo de dúvidas, angústias, solidão e um medo constante de serem rejeitados. (BENTO, 2008, p. 22-23).

No tocante ao homem trans, não há discussões acerca do ser “travesti”. No meio trans, em que o aspecto feminino é almejado, encontramos muitos questionamentos quanto a ser transexual ou travesti. O que fica claro com essa problemática, é que questões culturais e de “controle” dominam essas discussões. Quando paramos para interpretar o senso comum do que se acredita que é ser trans e o que é ser travesti, percebemos que há muito mais um caráter de marginalização da travesti; as pessoas não conseguem apontar diferenças além de dizer que a trans fez a “cirurgia de mudança de sexo” enquanto a travesti não. Diferença essa que não é relevante, uma vez que ser trans envolve muito mais que a genitália. Como expressam Galli e Vieira (2013):

[...] o desejo de se submeter ao procedimento não deve ser um critério definidor da transexualidade. Por mais que a redesignação seja um procedimento válido e importante no campo, temos que ter em mente que, do ponto de vista da pessoa transexual, não é a única opção existente para promover a harmonização corpo/mente e, consequentemente, buscar maior bem-estar subjetivo. Pelo contrário, algumas transexuais, geralmente invisibilizadas nas pesquisas e na mídia, podem não vislumbrar a solução cirúrgica como condição *sine qua non* para se sentirem bem psicologicamente e em paz com seu próprio corpo e identidade (GALLI; VIEIRA, 2013, p. 456).

Diante disso, ainda nos referindo à falta informações, muitas pessoas trans são “enganadas” durante parte de suas vidas. Isso ocorre, pois, como já citado, as pessoas confundem identidade de gênero com orientação sexual. Quando um homem trans, ainda no corpo em que nasceu, começa a se perceber como diferente, as pessoas ao seu redor – assim como ele próprio – tentam fazê-lo acreditar que querer se vestir como homens se vestem - convenção social – é expressão de lésbicas. Vejamos, um homem trans não necessariamente irá se apaixonar e sentir atração por mulheres. Ele pode ser bissexual e até assexuado; suas práticas sexuais interdependem da sua transexualidade. Seu papel

social, no entanto, muda. Medo que sofrendo com estranhamento por parte de outros cidadãos, o homem trans passa a viver o papel social de seu direito; mesmo que apenas após todo o longo período de transição. Afinal de contas, ao mínimo traço do sexo biológico, tanto o homem quanto a mulher trans sofrem preconceitos e apontamentos.

Assim sendo, acreditamos que essas são questões que precisam ser debatidas em todas as esferas sociais. A escola regular e o Ensino Superior são casos que necessitam mais ainda de discussões acerca do tema. Com isso, podemos melhorar a garantia dos espaços educacionais para os transexuais; infelizmente, ainda é bastante elevado o índice de evasão das escolas devido ao sofrimento que é não ser reconhecido e baixo o número de entrada de transexuais no ensino superior. Essa deveria ser uma luta de toda a educação para garantir equidade e oportunidades iguais.

Resultados e discussões: os achados da pesquisa

A partir das análises das respostas, foram identificados alguns pontos em comum, e alguns pontos divergentes com relação à vivência transexual no que diz respeito à questão social e ao Ensino Superior. Para preservar as identidades dos entrevistados denominamos os seguintes termos: AL, Transexual I, GB, Transexual II.

Primeiramente, os dois entrevistados expõem que ao se perceberem como trans homens, não tinham conhecimento com relação ao significado da palavra “transexualidade” e a sua dimensão, muito menos sobre o que seria transição de gênero; o que significa dizer que essa temática não é abordada ou é pouco falada/evidenciada nos meios social e educacional, o que gera um déficit de conhecimento.

O homem trans 1, é estudante do curso de Psicologia, e está em processo de transição há 3 (três) meses (Tempo referente ao período da realização da entrevista). Já o trans 2, é estudante do curso de Pedagogia, e encontra-se em processo de transição há 1 (um) ano (Tempo referente ao período da realização da entrevista).

Ambos os homens trans nos relataram que não têm ou não tiveram o apoio e suporte emocional das famílias, e isso muitas vezes acaba causando ou causou em algum momento uma densa fragilidade psicológica e emocional, o que pode viria a acarretar vários outros problemas e transtornos para eles. Temos uma percepção de tal fato no seguinte trecho:

Estar em casa é um inferno, não sou respeitado pela minha família, minha irmã e minha mãe me chamam ainda pelo nome que consta na certidão de nascimento. (AL, Transexual 1).

Nessa fala, podemos perceber o quanto a educação tem influência no que é considerado “normal” por muitos e como gera falta de respeito para com os que são considerados parte das minorias sociais que são marginalizadas, como o caso de pessoas transexuais.

A maioria dos transexuais apresentam conflitos de identidade desde a infância devido a convenções sociais relacionadas à identidade de gênero, a orientação sexual e até o próprio comportamento considerado adequado ao sexo biológico do indivíduo transexual. A sua sexualidade psíquica, por exemplo, difere, na maioria das vezes, do seu sexo biológico quando se considera as características primitivas até as secundárias. Tais características envolvem corpo, processo de hormonização, reconhecimento da própria transexualidade, aceitação social, papel, identidade de gênero e uma série de fatores que vão de aspectos físicos a aspectos psicológicos. Para muitos, o tratamento diferenciado e discriminado que se inicia, primeiramente e primordialmente, no âmbito familiar, compromete a vontade, o sentimento e o intelecto do transexual, lesionando a sua integridade física,

por demonstrar que a sua exclusão primeiramente advém da família e depois da própria sociedade.

Nesse caso, a falta de uma educação voltada para questões sociais e de identidade de gênero, permite que o modelo heteronormativo e patriarcal ainda causem conflitos como o observado. A violência contra o transexual que deflui do âmbito familiar e posteriormente da própria sociedade acaba comprometendo os direitos da personalidade e a dignidade humana daquela pessoa.

As recentes demandas por parte das pessoas (trans) denotam a consciência da relevância das instituições de ensino, seja para a profissionalização, seja para a aprendizagem dos conteúdos historicamente acumulados, ou mesmo para a convivência neste importante lócus de socialização.

A escola/universidade está no centro das reivindicações atuais das pessoas (trans), e cabem a estas instituições o debate científico e político para proporcionar tanto uma transformação na história estudantil destas pessoas, quanto uma transformação mais ampla, em que a escola/universidade reconheça seu papel de agente impulsionador das mudanças sociais necessárias em um país plural, diverso e democrático na prática.

Bento (2008) em suas análises direciona de forma eficaz o papel da escola (e de todos os seus agentes) neste momento. Aqui são oportunas as suas palavras:

A escola não é uma ilha. Embora saibamos que historicamente tem cumprido principalmente o papel de reproduzir uma visão naturalizada das relações sociais, notamos que os debates que atravessam a sociedade brasileira também podem se sentir nas salas de aula. Há um saudável incômodo de educadores/as, gestores das políticas públicas e do ativismo em trazer para o cotidiano escolar a reflexão dos Direitos Humanos em uma perspectiva mais ampla. Está em curso, portanto, a produção incessante de contra discursos, e a escola, de múltiplas formas, está inserida nesta disputa. (BENTO, 2008, p. 137).

Nesse eixo, com afinidade às barreiras enfrentadas na universidade, e apesar dos avanços e de todo o conhecimento acerca da transexualidade que hoje em dia é mais evidente, o Trans 2 nos relatou que mesmo assim, todos os dias supera algo novo e negativo com relação à questão social, e que o preconceito por parte das pessoas, ainda existente, é bastante externalizado.

Isso fica mais evidente na seguinte fala:

Não digo que já consegui superar, todo dia é um novo dia de aprendizado e superação. (GB, transexual II)

No tocante à infância, o homem trans 1 relatou que já se identificava com o gênero masculino, e esperava que o seu “pênis” crescesse um dia, e que ele já tinha todas as características do gênero no qual se identifica. O segundo homem trans entrevistado relata que começou a se perceber como trans somente no começo de sua adolescência.

Considerando que são dois jovens, um de 23 (vinte e três) anos, e o outro de 20 (vinte) anos, não há como não relacionar tais questões à falta de informações. Um deles chegou a falar sobre ter confundido por um tempo a sua transexualidade com a homossexualidade; hoje, ele se reconhece como um homem trans bissexual.

Nesse cenário não poderíamos deixar de mencionar a teoria Queer se opõe as perspectivas

excludentes e lida com o gênero como um aspecto da vida humana que é construído social e culturalmente. Considera que o masculino e o feminino estão presentes em homens e mulheres, de forma que cada pessoa detém características que podem se qualificar como masculinas ou femininas de acordo com o meio social em que está inserida; independentemente do sexo biológico e da orientação sexual.

É a teoria *queer* que, segundo Louro (2004), concebe a sexualidade humana como algo fragmentado e em constante mutação, podendo ser construída e reconstruída, tanto na prática quanto no nível discursivo e identitário. Reforçando o que Miskolci (2015, p. 33) diz, “queer não é apenas sinônimo de gay ou de homossexual”, mas de crítica ao que se é exigido socialmente quando é meio para exclusão; seja através de valores, convenções culturais e até mesmo política.

O corpo não é uma superfície neutra onde o gênero traz formas e contornos, mas, ao invés disso, o sexo é uma norma cultural que constrói a materialidade dos corpos.

Segundo Butler (1993):

Não se pode, de forma alguma, conceber o gênero como um constructo cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria - quer se entenda essa como o "corpo", quer como um suposto sexo. Ao invés disso, uma vez que o próprio "sexo" seja compreendido em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente da materialização daquela norma regulatória. O "sexo" é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o "alguém" simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 1993, p.2).

Diante disso, se o corpo é significado socialmente, tal qual a concepção butleriana, é a sociedade que fixa os limites da aceitabilidade e inteligibilidade, é ela que determina quais os desejos autorizados e quais serão marginalizados e assim o gênero e as sexualidades podem ser pensadas para além dos binarismos (heterossexual/homossexual, homem/mulher, etc.).

Um dos elementos contribuintes para a ampliação e principalmente ao acesso da população trans no Ensino Superior é a aceitação, aplicação e legalização do uso do nome social.

Na vida acadêmica, os dois são reconhecidos por seus nomes sociais e ambos afirmaram que a Universidade Federal da Paraíba - UFPB é muito competente com relação à legislação de cadastro escolar de documentos e que eles não tiveram problemas em serem reconhecidos socialmente com nomes correspondentes ao gênero identificado.

O homem trans 1 afirma que inicialmente sofreu preconceito por parte de um professor que o chamou pelo nome “feminino” mesmo sabendo que já havia se concretizado a mudança do nome social dele dentro da universidade. Sobre essa situação ele mencionou:

Para mim foi uma situação bem constrangedora, eu já havia avisado a ele essa mudança do meu nome social, parece que ele fez de propósito. (AL, Transexual 1).

Diante disso, são de amplo conhecimento que a transfobia – preconceito e discriminação que as pessoas (trans) sofrem – são causadores de grandes dificuldades e desafios na vida destas pessoas,

assim como a marginalização; em todos os espaços de convivência, e não seria diferente nas instituições de ensino superior. O que provoca profundo desconforto nas instituições sociais e culturais, uma vez que denunciam as falhas e o fracasso de uma ideologia essencialista, naturalista e totalitária.

Essa “incompreensão” se reflete nas variadas formas de violências vividas cotidianamente pelas Pessoas Trans, que sofrem a exclusão do seio familiar, da escola e do convívio social.

Nossa sociedade continua a estigmatizar fortemente as Pessoas Trans que, segundo estudos é a parcela da população LGBT+, mais violada em seus direitos civis básicos – incluindo inclusive o reconhecimento de sua identidade.

O que se convencionou chamar de nome social no Brasil é na verdade a utilização do nome o qual as pessoas (trans) escolhem de acordo com o gênero que vivenciam algumas vezes permitidos em estabelecimentos públicos, como universidades e órgãos públicos. O uso do nome social nas instituições de ensino é um mecanismo acionado para a permanência e conclusão dos estudos dessas pessoas.

Já o GB, homem transexual 2, afirmou não ter sofrido nenhum tipo de preconceito ou constrangimento por parte dos/as professores/as e colegas. Mas, com relação ao uso do banheiro masculino, ambos vivenciaram os “olhares de julgamento” por parte das pessoas. Ele relatou:

Uso o banheiro masculino desde que afirmei minha identidade, porém no começo da transição as pessoas me olhavam com um olhar de julgamento, principalmente os homens. Não tenho relatos de muitas pessoas trans acerca disso, mas alguns colegas já me disseram que passaram por situações desagradáveis, principalmente as mulheres trans. (GB, Transexual II).

A partir desse depoimento, o homem transexual 1 por ter começado o processo de transição a poucos meses, afirmou inicialmente ter ficado com “medo” de sofrer algum tipo de agressão por parte dos homens ao entrar em um banheiro masculino, pois relatou que já houve casos de agressão na universidade. Já escutou vários tipos de piadinhas como “*olha o viadinho*”. Ele ainda salientou:

Prefiro usar o banheiro da clínica de psicologia, lá eu sou mais aceito, sou reconhecido pelo que eu sou e me sinto feliz com isso (AL Transexual 1).

Nesse sentido, os dois homens trans relataram que apesar das dificuldades de permanência no campus universitário da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, ambos gostam do curso que fazem, mas somente AL, que trabalha como estagiário no ambulatório de Psicologia.

Atualmente os dois mostraram se sentir mais apoiados pela universidade do que pela própria família, os/as professores/as os respeitam por já terem a compreensão dos direitos e conhecimento das leis.

Como sugestão para inclusão de pessoas trans na Universidade Federal da Paraíba - UFPB o trans 1 pensa que seja interessante que a universidade promovesse palestras, e minicursos para toda equipe pedagógica e funcionários em geral, gerando assim uma boa qualificação para que essas pessoas sejam mais receptivas com as pessoas trans dentro do campus da universidade. Como forma de complementar, o trans 2 sugeriu que houvesse mais informação para as coordenações dos diversos cursos do campus, com relação ao uso do nome social pois muitos trans dentro da universidade, sofrem dificuldades para serem reconhecidos por seu nome social.

O homem trans 2, ainda ressaltou:

O uso do nome social dentro da UFPB é assegurado por lei, porém algumas coordenações ainda não sabem lidar com a situação, o que dificulta o processo para o (a) estudante. A coordenação do meu curso (Pedagogia) é totalmente aberta ao diálogo e demais questões, estão sempre buscando dialogar com a equipe docente e demais funcionários, visando combater resistências e preconceitos. (GB, Transexual II).

Diante do depoimento, as análises nos mostram, então, que ao mesmo tempo em que as partes burocráticas e legislativas funcionam, falta à parte social e humana da compreensão por parte de outros componentes da sociedade que compõe a academia. Fica então um questionamento acerca do trabalho educativo para a questão social e transversal que gira em torno do que é respeitar.

Desse modo, acreditamos que a diversidade está presente no mundo inteiro, em cada pessoa e em cada ação, fazendo parte de um contexto único, no qual o grande problema está na falta ou no limite da aceitação das diferenças. Conviver com as diferenças é respeitar a diversidade sexual, o que se configura, ainda hoje, como um grande desafio, pois para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas existentes.

Considerações finais

A produção deste artigo, em todos os aspectos de sua construção, atestou, mais uma vez, o quanto o meio educacional ainda se encontra deficiente no que diz respeito à forma como tratar a transexualidade. Pouco se fala nas escolas e na Universidade ainda é um tabu, uma vez que muitas pessoas ainda estigmatizam a pessoa trans.

É essencial que essas discussões sejam colocadas em pauta no espaço acadêmico, superando assim a falta de informação muitas vezes por parte dos educadores/as, gestores/as e funcionários/as em geral, promovendo assim no campus universitário, reflexões sobre os direitos humanos das pessoas trans em perspectivas mais amplas.

Foi possível reavaliar nosso conhecimento de mundo e até repensar nossos conceitos, uma vez que ficou evidenciado que a transexualidade não se resume apenas a uma cirurgia ou a uma orientação sexual.

Com isso, fica clara a necessidade de evidenciar e dar voz às pessoas transexuais, assim como expor que este é um campo muito importante no tocante à educação que prega respeito, conteúdo e cidadania. Não se pode negar também, que a pressão social acaba tirando as pessoas transexuais do meio acadêmico e as marginalizando, gerando conflitos sociais que vão desde as famílias, até as políticas públicas.

Assim como afirma Scote (2016), “a educação é um direito de todos e todas e, por isso, não deve haver restrições para o acesso e permanência”. No entanto, percebemos que os homens trans que nos ajudaram com a pesquisa apontam que há muitas dificuldades para se manter no ensino superior e que as maiores dificuldades no meio acadêmico do Campus Universitário da Universidade Federal da Paraíba partem desde a falta de compreensão por parte de alguns membros do corpo docente, no que diz respeito ao nome social adotado por eles e que é assegurado por lei, assim como a discriminação por parte de alunos no que consideramos chacotas, além de que um dos maiores obstáculos que eles enfrentam é frequentar o banheiro, “um lugar de privacidade”.

Entre os dois homens Trans entrevistados, o Trans 1 AL afirma que já foi hostilizado no banheiro, por exemplo, e pensou por inúmeras vezes em trancar o curso, mas resolveu continuar pelo fato de que crê que o preconceito estará em todos os espaços e que por isso não pode “desistir”.

Diante desses relatos, podemos dizer que esse trabalho contribuiu para nossa formação acadêmica no sentido de que a universidade, assim como a escola, é um lugar plural, e assim devemos estar preparados para lidar com as situações que possam surgir neste meio, assim como ensinar nossos alunos que a diversidade merece respeito em todos os âmbitos.

Assim sendo, para uma sociedade ser considerada democrática, é necessário abertura para o respeito às distintas formas de sexualidade e expressões de gênero, pois uma das principais características da democracia é permitir as diferenças e o respeito mútuo à heterogeneidade, ou seja, que todos/as os/a cidadãos/ãs, sejam respeitados/as em suas singularidades.

Referências

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade.** São Paulo: Brasiliense - Coleção Primeiros Passos, 2008.

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter:** On the Discursive Limits of 'Sex'. New York and London: Routledge, 1993.

CID-10. **Classificação Internacional de Doenças.** Disponível em:
>. Acesso em: 20/05/2018.

CORRÊA, Sônia; MUNTARBHORN, Vikit (Org.). **Princípios de Yogyakarta:** princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. 2006. Disponível em: . Acesso em: 20/06/2018.

GALLI, Rafael Alves; VIEIRA, Elisabeth Meloni. **Corpos Mutantes, Mulheres Intrigantes:** Transexualidade e Cirurgia de Redesignação Sexual. Brasília. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 29. 2013, p. 447-457.

GIL, Antônio Carlos, 1946 - **Como Elaborar Projeto de Pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer:** Um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte. Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2015.

PRADO, Marco Aurélio; TORRES, Marco Antônio. **Professores Transexuais e Travestis no Contexto Escolar:** Entre estabelecidos e *outsiders*. Porto Alegre. Educação e Realidade, 2014, p. 201-220.

SCOTE. Fausto Delphino. Populações transexuais e universidade: O desafio da aceitação e efetivação da igualdade de direitos ao acesso no ensino superior. Vitória. 2016

SOARES, Luiz Eduardo. **Sair do armário e entrar na gaveta.** In: GOLIN, Célio; WELLER, Luis Gustavo (Orgs.). Homossexualidades, cultura e política. Porto Alegre. Editora Sulina, 2002.